

NOTAS Y COMUNICACIONES

A REGIÃO DA CAMPANHA GAÚCHA, BRASIL: CARACTERÍSTICAS E TRANSFORMAÇÕES AGRÁRIAS DE 1950-2020

The Campanha Gaúcha region, Brazil: features and agricultural transformations 1950-2020

Vanessa Manfio

Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil
nessamanfio@gmail.com

RECIBIDO 18.10.19 ACEPTADO 26.10.2020

Resumo: A Campanha Gaúcha é uma região de tradição pecuarista que nos últimos anos passou por profundas transformações agrárias que mudaram as paisagens regionais e criaram diversidade econômica e empresarial. Esta diversidade tem sido importante para região buscar o desenvolvimento econômico e social. Diante disso, o presente artigo objetiva-se a discutir as transformações agrárias, ocorridas na região no período de 1950-2020, a fim de contribuir para os estudos agrários do Rio Grande do Sul e da Campanha Gaúcha. Para isto, foi utilizada a abordagem qualitativa e a revisão bibliográfica, a fim de alcançar um debate que perpassa na análise das principais atividades desenvolvidas regionalmente. Contudo, a região encontra-se num momento de crescimento econômico e de visibilidade mundial frente às novas atividades que vem sendo implantadas.

Palavras-Chave: Transformação agrária; Campanha Gaúcha; pecuária e lavoura empresarial; vitivinicultura e fruticultura; novas alternativas rurais.

Abstract: The Campanha Gaúcha is a region of cattle ranching tradition that in recent years has undergone profound agrarian transformations that have changed regional landscapes and created economic and business diversity. This diversity has been important for the region to pursue economic and social development. Therefore, this article aims to discuss the agrarian transformations that occurred in the region from 1950 to 2020, in order to contribute to the agrarian studies of Rio Grande do Sul and Campanha Gaúcha. For this, we used the qualitative approach and the literature review, in order to reach a debate that perpetuates the analysis of the main activities developed regionally. However, the region is in a moment of economic growth and worldwide visibility in face of the new activities that are being implemented.

Keywords: Agrarian Transformation; Campanha Gaúcha; livestock and business farming; wine and fruit growing; new rural alternatives.

INTRODUÇÃO

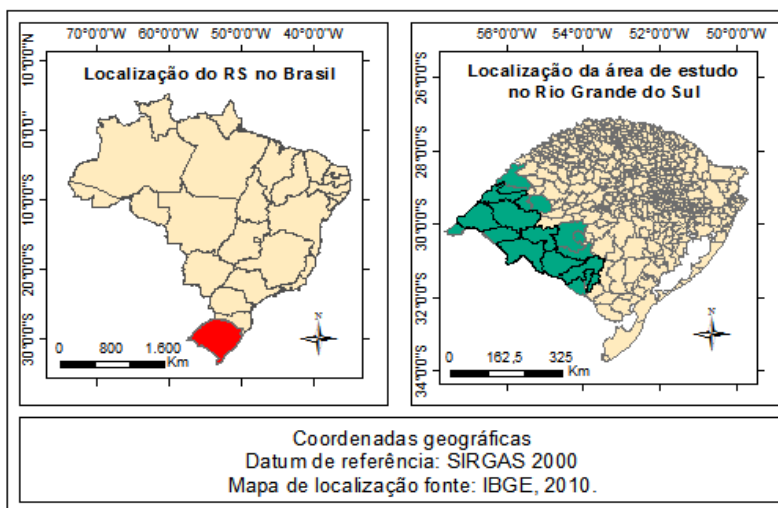
A Campanha Gaúcha é uma região brasileira, localizada do Rio Grande do Sul, faz referência à Mesorregião Sudoeste riograndense, região criada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e abrange os seguintes municípios: Aceguá, Alegrete, Bagé, Barra do Quaraí, Dom Pedrito, Hulha Negra, Itaqui, Lavras do Sul, Manuel Viana, Quaraí, Rosário do Sul, Santa Margarida do Sul, Santana do Livramento, São Borja, São Gabriel, São Francisco de Assis e Uruguaiana (figura 1).

A formação dessa região advém de momentos distintos da história e economia da região e do Rio Grande do Sul. Inicialmente a Campanha Gaúcha foi o espaço onde aconteceram as guerras de efetivação de posse da fronteira e de consolidação do território sul-riograndense. Este fato foi decisivo para a instalação de fazendas latifundiárias destinadas a criação de gado bovino.

E com o tempo novas atividades foram ganhando importância no espaço agrário da região, tais quais: agricultura, silvicultura, vitivinicultura, fruticultura, entre outras. No entanto, a pecuária

continuou a partir da década de 1950, sendo uma atividade importante, tanto do aspecto cultural, social como econômico, claro que novas estruturas e associações produtivas foram se moldando para tecer o desenvolvimento socioeconômico regional.

Figura 1. Mapa de localização da Campanha Gaúcha



Fonte: elaborado pelo autor (2017)

Estas novas atividades geraram uma transformação espacial e social. Diante disso, este trabalho objetiva discutir a dinâmica da transformação agrária da região, partindo de um recorte temporal de 1950-2020. A inquietação parte da preposição que neste intervalo a região sofreu alterações agrárias importantes para o rumo do desenvolvimento regional. Para dar conta deste colóquio será utilizada a abordagem qualitativa, com a análise da paisagem, trabalho de campo, coleta de dados e também a revisão bibliográfica na busca do entendimento das metamorfoses espaciais. Na orientação deste processo utilizou-se o método descritivo, que faz

uma descrição dos fenômenos estudados e juntamente com os recursos e abordagem acima citado confere um aporte metodológico para conduzir a pesquisa.

Com a pesquisa espera-se contribuir com as discussões agrárias e geográficas, envolvendo a transformação do espaço rural frente à incorporação de formas diferentes de produção agropecuária. Ainda, pretende-se realizar um diálogo sobre o Rio Grande do Sul (RS), especificamente a Campanha Gaúcha – uma área fronteiriça ao sul do Brasil, a fim de analisar o espaço e a produção rural, bem como suas implicações econômicas.

AS PECULARIDADES DA CAMPANHA GAÚCHA

A Campanha Gaúcha foi uma região constituída a partir da colonização e ocupação territorial da fronteira sul - brasileira. Segundo Heidrich (2000), o processo de colonização da Campanha Gaúcha foi marcado por disputas territoriais entre espanhóis e portugueses, no século XIX, resultando numa miscigenação entre estes dois povos e os indígenas. Como na região sul a ocupação era essencial para manter a posse do espaço, foram doadas grandes porções de terras aos conhecidos do Rei de Portugal, instituindo a grande propriedade rural. Esta doação de terras aconteceu mediante a concessão de sesmarias, como Silva Neto (2010, p. 16) coloca que aconteceram ao longo do século XVIII, num contexto de constantes conflitos militares na região, dos quais os estancieiros eram soldados e, portanto, recebiam sesmarias em recompensa por sua ação na conquista territorial. Nas sesmarias foram criados animais xucros dispersos nos campos das estâncias constituídas com a doação de terras (Silva Neto, 2010).

Para Mielitz Netto (1994), a atividade de pecuária gaúcha utilizava-se do trabalho livre, do emprego de escravos e dos indígenas oriundos das missões, que colaboraram na criação de gado bovino, equino e ovino e no desenvolvimento da indústria do charque. A indústria do charque estava interessada no comércio europeu do couro do gado e encontrou nas estâncias dos Pampas a matéria – prima para exportação. Somente num outro momento que a pecuária se organiza

para o fornecimento de carne – pecuária de corte, melhorando assim, as condições de criação dos animais.

Como na região o relevo predominante é o Bioma Pampa - marcado por campos de relevo suave a levemente ondulado e vegetação de gramíneas (figura 2). Este bioma se expande para além do território brasileiro, abrangendo o Uruguai e a Argentina, conferindo um habitat rico para espécies de vegetais, rica fauna silvestre e grandes campos. Estes extensos campos sustentaram a pecuária extensiva que iniciou no período das sesmarias e estendeu-se até a atualidade.

Figura 2. Localização do Bioma Pampa no território Brasileiro



Fonte: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Organização e elaboração cartográfica: Diego Tarley Ferreira Nascimento. Retirado de: NASCIMENTO; RIBEIRO, 2017.

Assim, Campanha Gaúcha ficou reconhecida como território da pecuária/latifúndio. A pecuária em função do aproveitamento dos campos de gramíneas e o latifúndio resultado do contexto histórico. Segundo Chelotti (2011, p.55), “A Campanha Gaúcha consolidou-se como a principal área de pecuária de corte do Rio Grande do Sul, sendo seus principais rebanhos, os bovinos e ovinos”.

Nesses primeiros anos de ocupação, a introdução do gado solto e abundante aconteceu devido à baixa população local e reduzida demanda por alimentos (Silveira, 2008). Nesta época, o interesse português pelo couro era, sobretudo, pelo objetivo de exportação do produto para a Europa, que era feita através de Buenos Aires ou Sacramento. Sendo, mais tarde, a criação de rebanhos de gado destinada a atender ao mercado interno na florescente mineração da região centro-oeste do Brasil (Oliven, 1989).

Então, a ocupação da região fronteira do sul do Brasil articulou-se nitidamente numa base econômica específica – a pecuária – com um grupo hegemônico regional (o caudilhismo militar – pastoril) e uma identidade cultural – ideológica forjada no espaço do latifúndio e nas práticas sociais a ele vinculados (Haesbaert, 1988).

Por isso, surge à figura do gaúcho associada ao espaço regional se enraíza sobre o Estado e mesmo depois da constituição de espaços não agrícolas no Rio Grande do Sul, esta identidade permaneceu como imagem de representação de um povo. Para Heidrich (2000), a figura do gaúcho se origina pela síntese produzida a partir da contextualização do ocupante do território como homem guerreiro e com um modo de vida pastoril. Estas condições são preconizadas pelas condições de fronteira do território, pelo horizonte aberto, pela paisagem de campo e espírito de luta em defesa do chão de vida (HEIDRICH, 2000).

Nesta imagem do gaúcho também está associada à presença do cavalo, como coloca Silveira (2008, p.11) “juntamente com o boi, a figura do cavalo sempre foi um dos símbolos dos campos gaúchos, sendo este o par inseparável do típico habitante das três fronteiras (Uruguai, Brasil e Argentina), tido como sendo o autêntico gaúcho.”

Diante disso, se desenvolve a pecuária extensiva no território da Campanha Gaúcha, compondo o espaço por grandes fazendas e estâncias de vida típica rural. Porém, Brum Neto (2007), menciona que a elevada concentração fundiária impedia o crescimento demográfico era um obstáculo ao desenvolvimento da agricultura de subsistência. Isto traz uma perspectiva de mudança estrutural da produção e uso da terra. Assim, na década de 1950 foram criadas colônias agrícolas em pequenas propriedades da Campanha (Chelotti, 2011) e a região passou a inserir novas atividades agrícolas, com o objetivo de diversificar a economia rural.

UM ESPAÇO REGIONAL EM TRANSFORMAÇÃO

A característica de pecuária extensiva (figura 3), ou seja, a condição pastoral começou a mudar, sobretudo, com a modernização da agricultura e da diversificação das atividades agrícolas neste espaço regional. Nesta visão, Chelotti e Pêsoa (2008), colocam que a modernização da agricultura inicia no Brasil em meados da década de 1950, passando a incorporar a região da Campanha Gaúcha, principalmente com produção de arroz e soja.

O plantio de arroz e soja foi um incremento para os produtores de gado, que passaram a investir na lavoura empresarial e criar infraestruturas para atender esta atividade na região, como criação de silos e cooperativas. Logo, a agricultura atingiu os campos da pecuária, ocasionando mudanças na paisagem agrária da Campanha, a partir da instalação da lavoura capitalista e mecanizada, que introduziu máquinas, insumo químico e capital na sua produção primária.

Figura 3. Foto da pecuária na Campanha Gaúcha



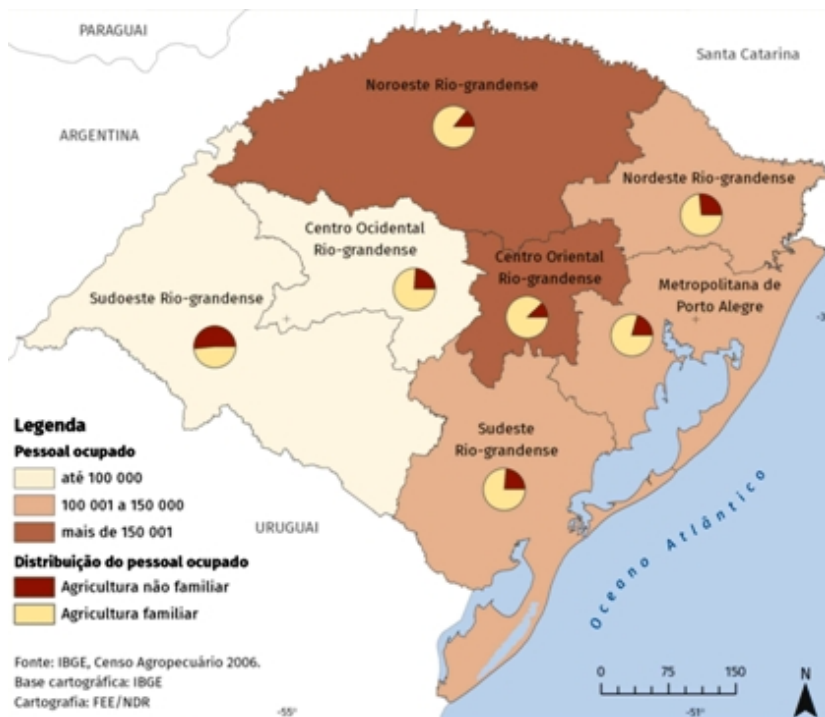
Fonte: acervo do autor (Bagé, 2016).

Primeiramente, foi o arroz, a cultura responsável pela presença da atividade agrícola e mecanizada, nas tradicionais áreas pecuaristas e, posteriormente, a inserção da soja e trigo que voltada, basicamente, ao mercado externo, consolidou a penetração do capitalismo no espaço rural da região (Rodrigues, 2006). No que diz respeito à rizicultura, Vieira e Rangel (1993) afirmam que esta cultura se desenvolveu no Rio Grande do Sul, devido à presença de mercados favoráveis e de incentivos através de políticas governamentais. O plantio de arroz teve impulso através: a) do crescimento do mercado consumidor de alimentos nos centros urbanos, b) pelo desenvolvimento de uma política tarifária sobre as implantações do arroz estrangeiro, estabelecendo uma proteção econômica à

rizicultura gaúcha, c) pelo incentivo de órgãos como: Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA), Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural (EMATER), Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (EMBRAPA) e o próprio Governo do Estado do Rio Grande do Sul e das Secretarias Municipais de Agricultura (Vieira e Rangel, 1993).

Com o desenvolvimento da produção de arroz na região, houve novas fontes de emprego, porém não alterou a estrutura fundiária da região, já que as lavouras se desenvolveram nas grandes e médias propriedades, através do arrendamento, não encontrando resistência por parte dos pecuaristas que puderam transformar seus campos em espaços rentáveis (Brum Neto e Bezzi, 2009). Na verdade, a lavoura de arroz só penetra profundamente em determinadas classes da população rural, as que precisamente nada têm a perder com uma experiência arriscada desta nova economia (Brum Neto e Bezzi, 2009). Assim, os grandes proprietários continuam a criar gado do modo tradicional e apenas alugam, por muito bom preço, parte de suas terras (Pébayle, 1968). Estas colocações podem ser vistas na figura 4, que mostra o pessoal ocupado e a relação entre agricultura familiar e não familiar de acordo com o censo de 2006 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). A região gaúcha com menor ocupação de pessoas é a Campanha Gaúcha, distribuída em metade na agropecuária familiar e a outra metade na não familiar, colaborando para evidenciar que as lavouras temporárias de arroz não aumentam a ocupação de pessoas no trabalho, pois são produzidas em grandes propriedades mecanizadas.

Figura 4. Distribuição do pessoal ocupado na agropecuária nas mesorregiões do RS-2006



Fonte: Fundação de Economia e Estatística (FEE), set. de 2016.

No entanto, com o passar dos anos, a produção do arroz sofreu algumas crises, especialmente, pela questão de financiamento, potencialidades naturais e concorrência com importação do arroz, sobretudo vindos da Argentina (Rodrigues, 2006). Com a crise do arroz e a proliferação da exportação da soja brasileira, a partir da década de 70/80 houve a incorporação da sojicultura no espaço da Campanha Gaúcha. Então, a produção de soja na Campanha Gaúcha é resultado do desenvolvimento do mercado internacional e da

procura pelo grão, além de encontrar na região um espaço adequado para o cultivo, principalmente pela disponibilidade de terras planas que favorecem o uso de tecnologias e de outras bases da modernização agrícola (Rodrigues, 2006; Brum Neto e Bezzi, 2009).

A soja passa a ocupar o cenário regional a partir de 1975, dividindo espaço com a pecuária e sem dúvidas, vai se adentrando nos municípios da Campanha, onde em 2006 aparece com mais intensidade na região (figura 5 e 6). Aliando esta constatação, segundo Fundação de Economia e Estatística (2016), o recente avanço da soja em áreas da Campanha Gaúcha tem sido atribuído as vantagens econômicas em relação a outras lavouras temporárias e à pecuária extensiva. De acordo com a figura 7, na década de 1990 nem todos os municípios dessa região estavam ligados à produção de soja, destacando áreas de plantio com menos de 1000 ha até 25 000 ha. Já nos anos de 2013 houve uma evolução na produção de soja, a maioria dos municípios estava inserida na cadeia produtiva da soja, ultrapassando de 25 000 ha. Isto caminha de encontro ao que os autores citam quanto as mudanças da região com a inserção do produto.

Figura 5: Produção de pecuária e soja 1975

Proporção Municipal no RS entre a área da Pecuária e a área da Soja em 1975

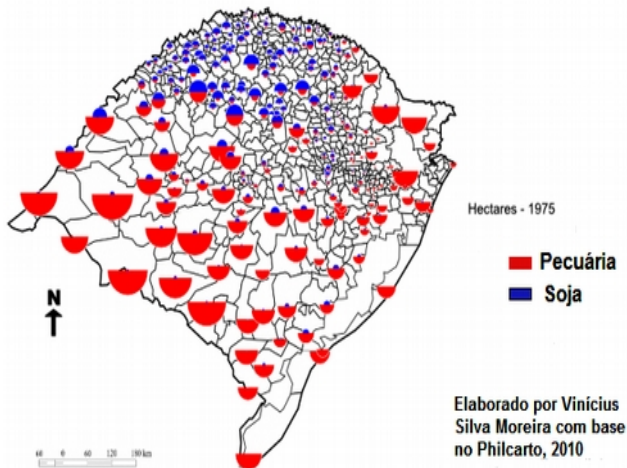
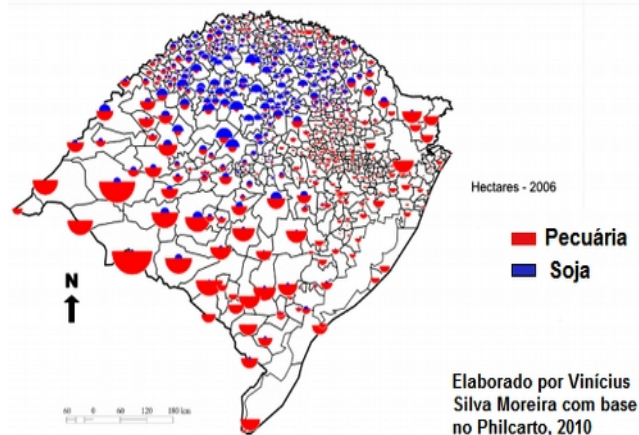


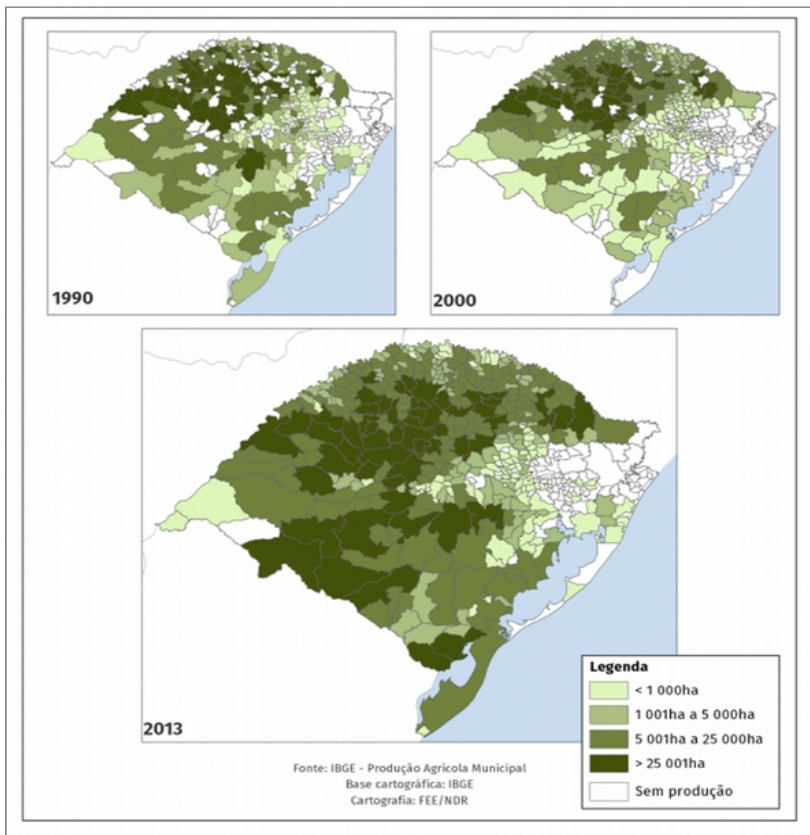
Figura 6: Produção de pecuária e soja 2006

Proporção Municipal no RS entre a área da Pecuária e a área da Soja em 2006



Fonte das figuras 5 e 6: <https://journals.openedition.org/confins/8805>

Figura 7: Área plantada de soja nos municípios do RS - 1990, 2000 e 2013



Fonte: Fundação de Economia e Estatística (FEE), set. de 2016.

Desse modo, a expansão das lavouras de soja tem ocasionado transformações significativas no seu espaço regional, tanto no viés produtivo, ou seja, da matriz tradicional, pautada no binômio da pecuária – arroz (Alves; Bezzi; Pettine, 2012), como no contexto ambiental. No aspecto natural, Bilenca e Miñarro (2004), mencionam que a produção da agricultura moderna, especialmente a soja, tem

implicado na substituição da vegetação nativa do Bioma Pampa em detrimento das monoculturas, colocando em risco a sustentabilidade do bioma. Neste ponto de vista, a expansão da lavoura empresarial promoveu a alteração na economia e configuração espacial regional, aparecendo novas formas de produção, mão de obra produtiva e os problemas ambientais.

Além da lavoura empresarial se desenvolver na região, a pecuária também passa por um processo de reestruturação produtiva, nos últimos anos, com a inserção da pecuária empresarial. De acordo com Fontoura (2005), essa nova condição estabelece relações com a indústria genética, que vai propiciar animais capazes de diminuir o tempo de produção do gado bovino, promovendo melhor qualidade da produção e a associação da pecuária ao capital comercial (a pecuária empresarial vai estabelecer vínculos de parceria com frigoríficos e redes de supermercados). Portanto, a necessidade de maior consumo de carne, principalmente com o crescimento das áreas urbanas brasileiras ocasionou a modernização da pecuária no Rio Grande do Sul, que se concretizou com a instalação e expansão dos frigoríficos e também transformações profundas nas estâncias, não apenas do ponto de vista técnico, como também da própria organização social local (relações de trabalho) (Bezzi, 1985). A inserção da indústria frigorífica também estrangeira abriu novas oportunidades para a pecuária rio-grandense, já que grandes empresas do ramo se instalaram, sobretudo, em Rio Grande (Swift) e em Santana do Livramento (Armour) e mais tarde em outros espaços (Rodrigues, 2005).

Com um rebanho geneticamente melhorado e um desenvolvimento industrial, a pecuária regional obteve um salto qualitativo, principalmente com a diminuição do tempo do abate e melhoria dos campos nativos, consorciada com a lavoura empresarial (Chelotti, 2011). Com isso, Fontoura (2012) destaca que ocorre uma mudança de ritmo e racionalidade na pecuária da Campanha, implicando em novas relações campo – cidade, dos quais são vistas através das decisões tomadas no campo que passaram a considerar interesses de atores sociais da cidade, da elevação da tecnificação do campo e da

integração das atividades rurais as urbanas - industriais. Essa racionalidade é vista, entre outras formas, através da criação da Associação de Produtores de Carnes do Pampa Gaúcho da Campanha Meridional (APROPAMPA) em 2006, a fim de preservar/proteger a Indicação geográfica de Pampa Gaúcho para carnes e derivados e manter o desenvolvimento da pecuária empresarial.

De posse dos dados da tabela 1, pode-se concluir que mesmo com os avanços do arroz e soja na região, a pecuária ainda é um setor importante, especialmente no que tange a poucas mudanças na quantidade de cabeças de gado na produção pecuária dos municípios. Demonstrando que a pecuária é tradição e mesmo com a diversificação de atividades ainda se mantém presente na região, seja de forma extensiva ou intensiva.

Diante disso, a rizicultura, a sojicultura e a pecuária empresarial alteraram a paisagem e as bases produtivas da região da Campanha Gaúcha, diversificando as atividades econômicas na região, importantes para o desenvolvimento local, não alterando a questão fundiária, já que as grandes propriedades ainda dominam o espaço. Porém, a metamorfose na região trouxe outras perspectivas locais, para os grandes produtores, mas para os agricultores familiares que estão presentes na Campanha Gaúcha, entre elas destacam-se: a vitivinicultura, a fruticultura, e recentemente a produção de oliveiras e nozeiras.

Tabela 1. Relação de efetivos de rebanho bovino nos municípios da Campanha Gaúcha

Efetivo de rebanhos bovinos (cabeças)			
Município	1975	1996	2010
Aceguá	-	-	148113
Alegrete	537891	501219	633677
Barra do Quaraí	-	-	54443
Bagé	455397	443636	332615
Candiota	-	57915	48854
Bom Pedrito	385914	365833	423684
Hulha Negra	-	52861	41509
Itaqui	279301	316566	187457
Lavras do Sul	201835	183692	340589
Manuel Viana	-	95059	98681
Quaraí	204159	199653	272053
Rosário do Sul	339665	343885	357699
Santana do Livramento	507097	433506	579654
São Borja	332339	173100	183912
São Francisco de Assis	229621	169146	194628
São Gabriel	475630	405200	360461
Uruguiana	392659	393509	349452

Fonte: IBGE, 2020.

Quanto à vitivinicultura, a partir da década de 1970 iniciaram-se os primeiros investimentos na produção de uva na região. O Governo do Estado do Rio Grande do Sul em parceria com outras instituições e pesquisadores apontara na descoberta de novas áreas com condições edafoclimáticas adequadas para o desenvolvimento da vitivinicultura (Manfio; Medeiros; Fontoura, 2016). Diante destas pesquisas, especialmente do Zoneamento Agrícola do Rio Grande do Sul, empresas da Serra Gaúcha implantaram pequenos vinhedos na região da Campanha, buscando aproveitar as condições ambientais e a disponibilidade de terras.

No início dos anos 2000, eram apenas duas vinícolas instaladas na Campanha Gaúcha, a Almadén (Grupo Miolo) e a Santa Colina (Cooperativa Nova Aliança), ambas em Santana do Livramento (Sarmiento, 2014). Logo, neste primeiro momento, a vitivinicultura que se instala na região é trazida e comandada por empresas de fora da região, num desenvolvimento exógeno da produção de vinhos e uva.

Num segundo momento, aproximadamente depois da virada dos anos 2000, novos atores passam a investir na vitivinicultura, assim como se desenha um movimento de expansão de vinícolas tradicionais da Serra Gaúcha para a região da Campanha (Flores e Medeiros (2013). Além disso, os empresários da região também passaram a investir na produção de vinho finos, como a Guatambu – Estância do Vinho e Dunamis (Dom Pedrito), Estância Paraíso (Bagé), Batalha Vinhas & Vinhos (Candiota). A partir deste momento outras vinícolas foram se tornando parte da história da vitivinicultura na região. Então, em 2012, a região contava com 16 vinícolas e uma área de vinhedos de 1,3 mil hectares e por 150 produtores de uva, o que corresponde a 15 % da produção brasileira (Associação Vinhos da Campanha, 2013). Em 2016, já eram 2 mil hectares de vinhedos e 35% da produção de uvas brasileiras plantadas na Campanha (EMBRAPA, 2016). Assim, acontece a consolidação da vitivinicultura na Campanha, atingindo também agricultores familiares que passar a aproveitar a visibilidade da região como polo produtor de vinhos e

produzir uvas para as vinícolas locais, ou para produção de vinho artesanal.

Num contexto global, a região é marcada pela grande extensão (figura 8), mecanização e produção de vinhos finos (Manfio, 2018). As estâncias de gado passam a dividir espaço com as vinícolas e os parreirais de uva, assim, como a produção de subsistência de assentados de reforma agrária ou produtor familiar também passam a ser vistas concomitante aos parreirais.

Figura 8. Vinhedos da Campanha Gaúcha



Fonte: acervo do autor, (Candiota, 2017)

Além disso, a vitivinicultura traz emprego e renda, as mulheres tornam-se a mão de obra preferida na lida com os vinhedos, por dois

motivos básicos: a) a mulher ser uma mão de obra mais barata e delicada no trabalho com a uva; b) pela inserção da mão de obra masculina das estâncias com a lida da pecuária e lavoura. Contudo, novas relações trabalhistas e também o desenvolvimento do enoturismo que amplia as bases da economia da região, extrapolando o campo e direcionando a cidade no atendimento ao turista e produção de vinhos.

A vitivinicultura abre caminhos para a instalação do enoturismo, que exige infraestruturas: hotéis, pousadas, restaurantes, espaços turísticos, aumentando a ocupação de pessoas ligadas à atividade tanto do campo como da cidade. É uma atividade promissora que vem trazendo o desenvolvimento rural e a inserção de agricultores familiares e grandes produtores rurais, especialmente os tradicionais pecuaristas. Com o avanço da vitivinicultura vem ocorrendo a criação de rotas enoturísticas como a Ferradura dos Vinhedos de Santana do Livramento e a rota dos vinhos da Campanha Gaúcha, bem como a busca de uma certificação geográfica para os vinhos deste 2010, através do empenho da Associação Vinhos da Campanha consolidada em forma de Indicação de Procedência em 2020.

Juntamente com o desenvolvimento da produção de vinhos, a fruticultura também ganha expressividade na região, após a década de 1990, incentivada por projetos e políticas públicas do governo estadual para produção de frutas na Campanha Gaúcha. Segundo Rathmann et. al. (2008), o Programa de Desenvolvimento da Fruticultura Irrigada na Metade Sul/RS (PDFIMS/RS) e o Programa Estadual de Fruticultura (PROFRUTA/RS) tiveram um papel essencial no desenvolvimento da fruticultura na região.

Além destes programas, o Projeto Quintais Orgânicos de Frutas que visa à produção de frutas orgânicas, beneficiou agricultores familiares da Campanha Gaúcha. Este é um programa que abrange os municípios de Dom Pedrito, Santana do Livramento, Rosário do Sul, Alegrete, Bagé, Uruguaiana e participantes no projeto (Secretaria Municipal de Dom Pedrito, 2016). Na composição dos quintais orgânicos são adotadas plantas frutíferas que incluem pessegueiro, araçazeiro, figueira, goiabeira, laranjeira, caqueiro, pitangueira,

videira, jaboticabeira, tangerineira, amoreira, entre outras (Secretaria Municipal de Dom Pedrito, 2016). Ainda, o projeto Quintais orgânicos está inserido dentro de uma campanha governamental de diminuição da fome e produção de alimentos mais saudáveis. Segundo Silva (2015) a fruticultura também tem papel importante como vetor de combate à fome e para melhorar a qualidade de vida da população, a exemplo do Projeto Quintais Orgânicos de Frutas que é desenvolvido pela Embrapa que tem proporcionando o cultivo de alimento, reduzindo o comprometimento da renda. Estes programas e projetos de fruticultura estão mais alinhados a agricultura familiar que tem se dedicado a produção de frutas para abastecer o comércio local e regional.

Contudo, o avanço da fruticultura na região ocorre, principalmente através do cultivo de cítricos (laranjeiras), pêssegos, figo, ameixa, uvas, que vem se consolidando numa alternativa de renda e emprego para Campanha Gaúcha. Assim, a fruticultura articula-se a outras atividades agrícolas, especialmente a pecuária, lavoura e a vitivinicultura. Para Alves e Bezzi (2014), a fruticultura está sendo desenvolvida em pequenas e médias unidades produtivas, exceto a uva que divide o espaço da grande propriedade com a pecuária extensiva, principalmente. Essa atividade tem gerado renda e estimulado o emprego no campo.

Quanto ao comércio das frutas e derivados obtidos pelos produtores que fazem parte do Projeto Quintais Orgânicos, este é realizado localmente. Em Dom Pedrito estes produtos são comercializados na feira da cidade que acontece semanalmente na praça matriz, com o apoio da Secretaria de Agricultura do município. Já o comércio de pêssego e figo, por exemplo, tem um comércio estabelecido, principalmente com Pelotas, sul do Rio Grande do Sul, para produção de doces e compotas.

Ressalta-se ainda, sobre estes programas e projetos que: a) o Programa das Agroindústrias visa dar subsídios aos agricultores familiares no âmbito da agroindustrialização e comércio dos produtos rurais; b) o projeto Quintais Orgânicos busca implantar quintais orgânicos de frutas para auxiliar na diversificação da produção rural;

c) o Programa de Desenvolvimento da Fruticultura Irrigada na Metade Sul/RS objetiva incentivar a inserção da cadeia frutícola na Metade Sul do Rio Grande do Sul (Pierozan;Manfio; Medeiros, 2019).

Em contrapartida ao desenvolvimento da produção de frutas e uvas, a silvicultura também foi uma atividade que passou a se desenvolver, na segunda metade da década de 2000, no entanto, a inserção dos eucaliptos na Campanha acontece, sobretudo, pela alta demanda mundial por celulose e pelo incentivo do Estado (Chelotti, 2012). Assim, foram instituídas políticas de beneficiamento da silvicultura na Campanha, tal qual: a criação do Programa de Plantio Comercial e Recuperação de Florestas (PROPFLORA), criado pelo Governo Federal, visando à implantação de eucaliptos na Campanha (Alves, 2007). Os projetos de silvicultura, não foram projetos da agricultura familiar e sim marcado pelo interesse de grandes empresas como Votorantin, Aracruz e StoraEnso. Estas empresas aproveitaram a disponibilidade de terra e as condições ambientais favoráveis para essa inserção produtiva (Alves, 2007; Chelotti, 2012).

Na tabela 2 visualiza-se que de 2006 a 2013 houve um aumento de área plantada de eucalipto na Campanha Gaúcha reflexo destas iniciativas acima citadas que levaram aos produtores inserir-se no negócio, a fim de aumentar a renda econômica, beneficiando-se de projetos federais e estaduais.

No entanto, os avanços da silvicultura sobre o Pampa trouxeram um grande impacto para paisagem natural do bioma, gerando críticas e posicionamentos favoráveis. Segundo Pereira (2010), de um lado, se considerou os investimentos das empresas, a geração de empregos e a incorporação de pequenos, médios e grandes produtores no plantio de florestas e por outro lado, pesaram-se as opiniões de ambientalistas, organizações não - governamentais (ONG's) e movimentos sociais, preocupados com a perda da biodiversidade.

As críticas ambientais e a mudança de interesses econômicos provocaram uma diminuição de área plantada no estado gaúcho em 2014 e 2015 (tabela 2). Segundo Binkowski (2014), após 2004

ocorreram mudanças empresariais consideráveis no reflorestamento florestal de eucalipto no Rio Grande do Sul, principalmente com: a) a fusão da Aracruz com a Votorantim Celulose e Papel, originando a Fibria, em 2009; b) a compra da fábrica de celulose da Fibria (Guaíba/RS) pela chilena CMPC – Compañía Manufacturera de Papeles y Cartones (empresa de capital chileno), originando a Celulose Riograndense, no mesmo ano; c) e a desistência da Fibria e da Stora Enso de construir suas fábricas de celulose no estado. A desistência de construção de fábricas tem um peso decisivo para queda do avanço das áreas florestadas por eucalipto no Pampa Gaúcho.

Tabela 2. Evolução da área plantada de Eucalipto no Estado do Rio Grande do Sul

Ano	Área plantada (1000 ha) de Eucalipto
2006	184,2
2007	222,2
2008	277,3
2009	272
2010	273
2011	280,2
2012	284,7
2013	316,4
2014	309,1
2015	308,5

Fonte: Associação Gaúcha de Empresas Florestais (AGEFLOR), 2015.

Por fim, as mais recentes atividades produtivas que constituem o espaço rural da Campanha é o cultivo de oliveiras e noqueiras. A

produção de azeitonas, por sua vez, atinge os municípios de Dom Pedrito, Bagé, Hulha Negra, Quaraí, Aceguá, especialmente em resposta ao projeto chamado Olivais do Pampa. Esse projeto está inserido com outras cinco regiões italianas que recebem apoio das Prefeituras Municipais, do Governo do Estado do Rio Grande do Sul, do Governo Federal Brasileiro e do Ministério dos Assuntos Exteriores da Itália (pois é projeto de cooperação Brasil e Itália), tendo como objetivo a realização da compra de mudas de oliveiras e no fortalecimento da comercialização da fruta e do azeite de oliva (Alves; Bezzi, 2014).

O projeto Olivais do Pampa é desenvolvido na pequena, média e grande propriedade rural da Campanha Gaúcha, contando com a avaliação técnica e pesquisas da Emater, Embrapa, prefeituras, Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA) e Instituto Federal Sul-riograndense (IFSUL). Sendo as principais variedades de oliveiras plantadas nas propriedades pequenas e médias de Dom Pedrito são: Frontoio, Coratina, Leccine. Estas mudas foram adquiridas pelo projeto dos Olivais do Pampa (EMPRAPA, 2018). Ainda, a produção de oliveiras tem interessado muitos empresários da região, inclusive, alguns proprietários de vinícolas da Campanha têm investido no plantio de olivais, destaca-se como exemplo: a Empresa Dom Pedrito Vinhos e Olivais de Dom Pedrito, que realiza a produção de vinhos e azeite de oliva. Na figura 9, é possível observar as oliveiras da Empresa Dom Pedrito Vinhos e Olivais presentes na região do Pampa.

Figura 9. Oliveiras em pleno Pampa Gaúcho



Fonte: Dom Pedrito Vinhos Nobres e Olivais (disponibilizada em 05 de junho de 2015).

Por conseguinte, a produção de nozes apresenta baixos custos e mercado consumidor, já que existem diversas empresas estaduais e internacionais que trabalham com o beneficiamento do produto. A produção de nozes na Campanha Gaúcha é comercializada, especialmente com o estado de São Paulo (Campo e Lavoura, 2012). Portanto, observa-se através da análise da paisagem realizada no trabalho de campo que propriedades rurais da Campanha Gaúcha estão diversificando as atividades, aproveitando as potencialidades locais. A maioria delas tem vários cultivos e empreendimentos, associando culturas como arroz/soja, pecuária e alternativas produtivas, entre elas: fruticultura, vitivinicultura, produção de oliveiras.

É necessário compreender que a região, além de sofrer com a transformação das antigas bases econômicas e inserção de novas atividades agrícolas, também vem passando por um processo de reterritorialização da estrutura das propriedades rurais, dos quais muitas fazendas improdutivas estão sendo ocupadas por assentados de reforma agrária, implicando numa outra forma de mão de obra produtiva e relação com a terra. Para Chelotti (2011) na década de 1990, foram os assentados de reforma agrária os novos personagens que entraram em cena na Campanha Gaúcha, principalmente, com reivindicações em prol da democratização da terra promovida pelo Movimento dos Sem – Terra, associadas às ações do governo gaúcho de reorganização do espaço sul-rio-grandense. Em 2005, existiam mais de 290 assentamentos rurais no Rio Grande do Sul, dos quais desde a década de 1990 começaram a se reterritorializar na região da Campanha Gaúcha mais de 60 assentamentos num processo de reforma agrária, principalmente nos municípios de Santana do Livramento, Candiota e Hulha Negra (CHELOTTI; PESSÔA, 2007), ação que vem alterando a condição de região de concentração de terras, por vezes improdutivas.

No trabalho de Lindner; Melchior e Medeiros (2013) são destacados três grandes assentamentos criados, a partir de 1992 na região: o assentamento chamado de Cerro dos Munhoz, que segundo o INCRA (2012) teve sua criação no ano de 1992, em uma área de 1.577 ha; o São Leopoldo, criado no ano de 1997, abrigando uma área de 1.264 ha; o assentamento Fidel Castro, criado no ano de 2005, numa área de 1.499,88 ha (Lindner; Melchior; Medeiros, 2013). Assim, a concentração de assentamentos nos municípios que constituem a Campanha Gaúcha é o agente de uma reconfiguração territorial através do desenvolvimento da agricultura familiar, da diversificação da produção, do adensamento populacional, da dinamização do comércio local e de novas identidades (Medeiros, 2007).

Nota-se ainda, que o associativismo tem um papel de destaque na questão agrária atual da Campanha, com a presença de diversas associações que representam os interesses de pecuaristas, viticultores,

produtores de fruta, de oliveiras. Então, destacam-se na região a Associação de Produtores de Carnes do Pampa Gaúcho da Campanha Meridional (APROPAMPA), Associação de Produtores de Vinhos Finos da Campanha Gaúcha, Associação Quaraíense dos Fruticultores, entre outras.

Nesse sentido, a Campanha Gaúcha tem se tornado palco de novos estudos, pesquisas e de novas produções agrícolas e industriais, deixando a tradição de espaço pecuarista para espaço diversificado e que vem articulando e consolidando um novo território do vinho, trazendo uma nova imagem socioeconômica para região. A vitivinicultura, sem dúvidas, tem sido a atividade produtiva que mais se desenvolve na região dos Pampas, atingindo empresários locais, agricultores familiares, empresas vitícolas e pecuaristas. Assim, a região da Campanha vem sendo reconhecida como um novo polo da vitivinicultura brasileira, contracenando com a Serra Gaúcha. Esta atividade trás não apenas renda financeira, mas visibilidade à região, além de estar esta ligada ao *slogan* de sustentabilidade, com a criação de vinícolas com painéis solares, consórcio de pecuária-vitivinicultura, produção com menor escola de agrotóxico e inclusive orgânica.

CONSIDERAÇÕES

A região da Campanha Gaúcha é emblemática, pois apresenta uma tradição histórica de lutas territoriais pela posse do território. Esta história foi responsável pelo desenvolvimento do latifúndio pecuarista e da figura do gaúcho (bravo, guerreiro, homem do campo, que anda a cavalo, etc.). O latifúndio pecuarista pendurou até o século XX, quando novas alternativas produtivas foram sendo inseridas na Campanha Gaúcha, a fim de diversificar a economia e modernizar o espaço rural. Além disso, houve também uma reestruturação das propriedades rurais e da organização do trabalho (com a inserção da mão de obra feminina, por exemplo, na vitivinicultura).

Inicialmente, a pecuária dividiu lugar com a lavoura empresarial de arroz e soja, depois com a vitivinicultura, fruticultura, silvicultura, e atualmente com a produção de azeitonas e nozes. Esta mudança produtiva foi importante para tornar a região mais produtiva e

diversificada, aproveitando a mão- de-obra disponível e a quantidade de terra emersa no bioma Pampa que confere qualidade da produção de bens agrícolas, sobretudo, frutas, uvas e grãos.

Entretanto, a silvicultura e a produção de soja têm enfrentado críticas e debates, pois tem causado vários impactos na região do Pampa, assim como a pecuária extensiva. Sendo possível pensar uma nova tentativa de promover o desenvolvimento local aliando ao meio ambiente.

Ademais, a vitivinicultura é uma nova atividade rural que tem se intensificado, nas últimas décadas, conferindo uma nova visão para região: de polo vitícola e reestruturando o campo e a cidade, criando emprego e renda e movimentando a pequena, média e grande propriedade, bem como empresas de fora.

Por sua vez, a pecuária, continua a ser uma atividade identitária da Campanha, no entanto, apresenta uma nova roupagem, ou seja, modernizou-se se tornando empresarial. A pecuária apresenta qualidade, certificação geográfica e novas raças bovinas que atingem o mercado de carnes do regional, nacional e exterior.

Assim, ao longo de décadas, a região sofreu metamorfoses significativas no meio rural, que vistas na produção, na paisagem, e na composição trabalhista. Estas mudanças não foram capazes de romper com a tradição rural, mas criaram um novo olhar para região e também uma busca mais sustentável dos campos do bioma Pampa, principalmente com vitivinicultura, fruticultura e oliveiras.

REFERÊNCIAS

Associação Vinhos da Campanha. (2013). *Região da Campanha se transforma em Centro de Vinhos Finos*. Disponível em: <http://www.vinhosdacampanha.com.br>.

Associação Gaúcha de Empresas Florestais. (2015). *A indústria de base florestal no Rio Grande do Sul*. Disponível em: <http://www.ageflor.com.br/noticias/wp->

- content/uploads/2016/09/AGEFLOR-DADOS-E-FATOS-2016.pdf. Acesso em 27 de set. de 2019.
- Alves, F. D. (2007). As faces do desenvolvimento rural no sul gaúcho: produção agroecológica familiar e monoculturas empresariais. *Revista Agrária* (7), 37-60. Disponível em: www.revistas.usp.br/agraria/article/download/129/129.
- Alves, F. D.; Bezzi, M. L. (2014). *A reorganização espacial de Bagé/RS frente às cadeias produtivas da fruticultura e da silvicultura*. Texto apresentado no VIII Congresso Brasileiro de Geógrafos, Vitória – ES. Disponível em: http://www.cbg2014.agb.org.br/resources/anais/1/1405531848_ARQUIVO_CBGCOMPLETOANALUIZA.pdf.
- Alves, A. L. P.; Bezzi, M. L.; Pettine, L. J.(2012). *A organização especial da microrregião geográfica da Campanha Central*. Artigo de Iniciação científica: CEPE/UNIFRA.
- Bezzi, M. L. (1985). *São Borja – Transformações no espaço agropecuário: o processo de despecuarização*. 1985. 222 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Estadual Júlio Mesquita Filho, UNESP, Rio Claro.
- Bilenca, D.; Minârro, F. (2004). *Identificación de áreas valiosas de Pastizal (AVP) em las Pampas y Campos de Argentina, Uruguay e sur de Brasil*. Argentina: Fundación Vida Silvestre.
- Binkowski, P. (2014). *Dinâmicas socioambientais e disputas territoriais em torno dos empreendimentos florestais no Sul do Rio Grande do Sul*. Tese de doutoramento, Porto Alegre, UFRGS.
- Brum Neto, H. (2007). *Regiões culturais: a construção de identidades culturais no Rio Grande do Sul e sua manifestação na paisagem gaúcha*. Dissertação de Mestrado em Geografia, Santa Maria, Universidade Federal de Santa Maria.
- Brum Neto, H.; Bezzi, M. L. (2009). Região, identidade cultural e regionalismo: a Campanha Gaúcha frente às novas dinâmicas espaciais e seus reflexos na relação campo-cidade. *Temas & Matizes* (16), 65-96.
- Programa Campo e Lavoura. (2012). *Produção de nozes desponta como alternativa de renda na Campanha Gaúcha*. Porto Alegre: TV RBS- Globo. Vídeo. Disponível em: <http://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/campo-e-lavoura/videos/v/producao-de-nozes-desponta-como-alternativa-de-renda-na-campanha-gaucha/2052209/>.

- Chelotti, M. C. (2011). Produção desigual do espaço e dinâmica regional da agropecuária na campanha gaúcha (Brasil). *Observatorium: Revista Eletrônica de Geografia* 2 (6), 36-67.
- Chelotti, M. C. (2012). Processos de territorialização-desterritorialização-reterritorialização no espaço agrário gaúcho. In: Chelotti, M. C. et. al. (orgs.). *Geografia agrária e diversidades territoriais do campo brasileiro* (63-85). Uberlândia: Assis.
- Chelotti, M. C.; Pessôa, V. L. S. (2007). A nova geografia agrária da Campanha Gaúcha/RS-BR:a (re)criação da produção familiar em domínio do espaço latifundiário. In: V Jornadas Interdisciplinarias de Estudios Agrarios y Agroindustriales, Buenos Aires. *Anais das V Jornadas Interdisciplinarias* Buenos Aires/AR: FCE-UBA, 1-16.
- Embrapa. (2016). *Cadastro vitícola*. Disponível em: <https://www.embrapa.br/uva-e-vinho/cadastro-viticola>.
- Embrapa. *Oliveiras e vinhos*. 2018. Disponível em: <https://www.embrapa.br/busca-de-noticias/-/noticia/38354346/uvras-e-oliveiras-sao-tema-de-seminario-para-concessao-de-indicacao-geografica-da-regiao-da-campanha>.
- Flores, S. S.; Medeiros, R. M. V. (2013). Ruralidades na compreensão dos territórios do vinho e sua identidade. *CAMPO-TERRITÓRIO: revista de geografia agrária*, 8 (15), 1-19. Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/campoterritorio/issue/view/971>.
- Fontoura, L. F. M. (2005). *A pecuária empresarial como agente modernizador na Região da Campanha*. Texto apresentado nas Primeiras Jornadas de Economia Regional Comparada, Porto Alegre: FEE, 1-10. Disponível em: <http://cdn.fee.tche.br/jornadas/2/H11-01.pdf>.
- Fontoura, L. F. M. (2012). As transformações na matriz produtiva na região da Campanha do Rio Grande do Sul: Da sociedade pastoril à empresarial. In: Sampaio, F. e Medeiros, M. C. (orgs.). *Geografia Econômica - Anais de Geografia Econômica e Social* (167-188). Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina.
- Fundação de Economia e Estatística-FEE (2016). *Painel do agronegócio no Rio Grande do Sul -2016*. Porto Alegre: Secretaria de Planejamento e Desenvolvimento Regional.
- Haesbaert, R. (1988). *RS: Latifúndio e Identidade Regional*. Porto Alegre: Mercado Aberto.

- Heidrich, A. (2000). *Além do latifúndio: geografia do interesse econômico gaúcho*. Porto Alegre: Ed. Da UFRGS.
- Manfio, V. (2018). *Vitivinicultura e associativismo: a dinâmica da Associação Vinhos da Campanha na formação de um território no Rio Grande do Sul, Brasil*. Tese de Doutorado em Geografia, Porto Alegre: UFRGS.
- Manfio, V.; Medeiros, R. M. V.; Fontoura, L. F. M. (2016). Repensando as relações campo/cidade: uma abordagem acerca do terroir do vinho na Campanha Gaúcha. *CAMPO-TERRITÓRIO: revista de geografia agrária* 11 (22), 222-242.
- Medeiros, R. M. V. (2007). *Re-territorialização e identidade. O significado dos assentamentos para a economia dos municípios: os casos de Hulha Negra, Aceguá e Candiota na Campanha Gaúcha (RS)*. Texto apresentado no IX Colóquio Internacional de Geocrítica. Porto Alegre.
- Mielitz Netto, C. G. (1994). *A Modernização e diferenciação na bovinocultura de corte brasileira*. Tese de Doutorado em Economia. Campinas: Universidade Estadual de Campinas.
- Moreira, V. S.; Medeiros, R. M. V. As novas configurações do espaço agrário no Rio Grande do Sul / Brasil: da pecuária tradicional ao complexo agroindustrial da soja, *Confins* 20. Disponível em: <http://journals.openedition.org/confins/8805>.
- Nascimento, D. T.; Ribeiro, S.(2017). *Biomass Brasileiros e Defesa da Vida*. Disponível: https://www.researchgate.net/publication/323561115_Biomass_Brasileiros_e_Defesa_da_Vida
- Pébayle, R. (1968). A vida rural na Campanha Rio-Grandense. *Boletim Geográfico* (207), 18-32.
- Pereira, F. G. (2010). A expressão da silvicultura sobre o bioma pampa: impactos além dos campos. In: Costa, B. P. da; Quoos, J. H.; Dickel, M. E. G. (org.). *A sustentabilidade da Região da Campanha–RS: práticas e teorias a respeito das relações entre ambiente, sociedade, cultura e política públicas*. Santa Maria: Universidade Federal de Santa Maria, p. 88-104. E-book. Disponível em: <http://w3.ufsm.br/ppggeo/files/ebook02/E-BOOK.pdf>.
- Pierozan, V. L.; Manfio, V.; Medeiros, R. M. V. (2019). Vitivinicultura orgânica no Rio Grande do Sul: a expansão da produção sustentável de uva, vinho e suco em Cotiporã e Dom Pedrito. In: Ferreira, G. H. C.

- (org.). *Conflitos e convergências da Geografia* (95-108). Ponta Grossa (PR): Atena.
- Rathmann, R. et. al. (2008). Diversificação produtiva e as possibilidades de desenvolvimento: um estudo da fruticultura na região da Campanha no RS. *Revista de Economia e Sociologia Rural* 46 (2). Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-20032008000200003&script=sci_arttext.
- Rodrigues, A de L. (2004). *O processo de reorganização do espaço agrário no município de Rosário do Sul*. Trabalho de Graduação em Geografia Licenciatura. Santa Maria: Universidade Federal de Santa Maria.
- Rodrigues, A. (2006). *O latifúndio no Rio Grande do Sul: velhas formas na funcionalidade de novos atores econômicos na Microrregião Geográfica da Campanha Central*. Dissertação em Geografia, Santa Maria: Universidade Federal de Santa Maria.
- Sarmiento, M. B. (2014). *Diagnóstico da cadeia da vitivinicultura na Campanha Gaúcha, sub-divisão fronteira Uruguai, Rio Grande do Sul*. Monografia em Especialização em Economia Rural e Extensão. Curitiba: Universidade Federal do Paraná.
- Silva Neto, B. (2010). Desenvolvimento Rural, Questão Agrária e Sustentabilidade da Campanha Gaúcha. In: Costa, B. P.; Quoos, J. H; Graeff Dickel, M. E. (orgs.) *A sustentabilidade da Região da Campanha-RS: práticas e teorias a respeito das relações entre ambiente, sociedade, cultura e políticas públicas*. Santa Maria: Universidade Federal de Santa Maria.
- Silveira, F. M. P. da.(2008). Formação sócio-espacial da Fronteira Oeste Gaúcha: da gênese à atualidade. Trabalho de Graduação em Bacharelado em Geografia, Florianópolis-SC. UDESC.
- Vieira, E. F.; Rangel, S. S. (1993). Geografia Econômica do Rio Grande do Sul: espacialidade/temporalidade na organização econômica rio-grandense. Porto Alegre: Sagra.